

## SOMBRAS

Quando, assentada à noite, a tua fronte inclinas,  
E cerras descuidada as pálpebras divinas,  
E deixas no regaço as tuas mãos cair,  
E escutas sem falar, e sonhas sem dormir,  
Acaso uma lembrança, um eco do passado,  
Em teu seio revive?

O túmulo fechado

Da ventura que foi, do tempo que fugiu,  
Por que razão, mimosa, a tua mão o abriu?  
Com que flor, com que espinho, a importuna memória  
Do teu passado escreve a misteriosa história?  
Que espectro ou que visão ressurgue aos olhos teus?  
Vem das trevas do mal ou cai das mãos de Deus?  
É saudade ou remorso? é desejo ou martírio?  
Quando em obscuro templo a fraca luz de um círio  
Apenas alumia a nave e o grande altar  
E deixa todo o resto em treva, – e o nosso olhar  
Cuida ver ressurgindo, ao longe, dentre as portas,  
As sombras imortais das criaturas mortas,  
Palpita o coração de assombro e de terror;  
O medo aumenta o mal. Mas a cruz do Senhor,  
Que a luz do círio inunda, os nossos olhos chama;  
O ânimo esclarece aquela eterna chama;  
Ajoelha-se contrito, e murmura-se então  
A palavra de Deus, a divina oração.

Pejam sombras, bem vês, a escuridão do templo;  
Volve os olhos à luz, imita aquele exemplo;  
Corre sobre o passado impenetrável véu;  
Olha para o futuro e vem lançar-te ao céu.

Machado de Assis

[*Poesias completas*. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1901. p. 66-67]

Editor: José Américo Miranda